Ano XIV — Lisboa, Maio de 1958 — N.º 157

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

RUMO AO CAMPO

Estamos em Maio. Em plena Primavera. Vésperas do Verão. Uma luxuriante vegetação, plena de seiva, cobre a terra, enchendo-a de cor e de beleza. As flores animam a paisagem, contrastam no verde exuberante, estendem graciosos tapetes, salpicam a verdura de vermelho, de amarelo, de branco ou de lilás. Parece que a vida, irrompendo da terra, se comunica a todos que cruzam a campina ou sobem a montanha. Sem dúvida, não há mais bonita época para a prática do campismo. Nós, Escoteiros Portugueses, temos o privilégio de usufruir os benefícios de um clima excelente para a prática de actividades do ar livre. No entanto, parece que não aproveitamos suficientemente tão excepcional vantagem. Os nossos grupos, pelo menos uma grande parte deles, vivem amarrados às sedes, desinteressados da natureza, divorciados do ar livre. Forçoso é dizer que, assim, não pode haver Escotismo.



O Fundador disse que *a chave do Escotismo é a vigorosa vida ao ar livre*. Talvez resida na carência de actividades, fora das portas da cidade, a razão da extrema fraqueza do Movimento, pelo menos na capital. É que os nossos jogos, os exercícios de observação, os trabalhos de ponteneiros, as pistas, a sinalização, podem ser instruídos na sede, mas só despertam o entusiasmo da gente nova quando aplicados no lugar que lhes é próprio — o campo e a montanha — exactamente nesse maravilhoso cenário que agora nos surge cheio de beleza.

Se o *Escotismo é* — como afirmou também B. P. — *um alegre jogo do ar livre*, só poderá atingir os objectivos para que foi criado quando encaminhar os rapazes para o campo. Dentro das sedes, ocupados em reuniões monótonas, os grupos só podem vegetar. Por mais importantes que nos pareçam as reuniões, segundo o ponto de vista dos adultos, nunca poderão despertar o interesse da mocidade, que gosta de agitação, de vida, de aventura.

Não devemos perder de vista que o Escotismo não procura substituir nem a Escola, nem a Igreja, nem a Família, mas sim cooperar com estas instituições, desenvolvendo uma actividade diferente, que elas não podem tão fàcilmente realizar. Por exemplo: A Escola ensina orientação. O Escotismo também, contudo, não o deve fazer da mesma maneira. O rapaz é aqui colocado em contacto com a realidade. Proporciona-se-lhe ensejo, através de um exercício cheio de aventura, para que procure e identifique os pontos cardiais e marche confiadamente na direcção escolhida. A Escola ensina botânica, zoologia, geologia, cosmografia, matérias que interessam às actividades escotistas. Mas aqui o rapaz deve ser levado a aprendê-las debruçado directamente sobre a natureza, analisando as plantas, observando os animais, colhendo as pedras, olhando os astros. O ensino escolar adquirirá novo sentido pela prática do Escotismo.

Não será menos importante o facto do Escoteiro se habituar no campo a conviver com o trabalho rural, tão mal conhecido do habitante da cidade. É necessário que a juventude tenha consciência do valor humano do trabalho agrícola e pecuário, que garante o sustento da população do país. De regresso à cidade, de novo em presença da Escola, o escoteiro terá obtido uma nova visão da vida e estará melhor preparado para as lições dos mestres.

Igualmente a lealdade, a generosidade, a fraternidade, o espírito de iniciativa, não serão inculcados por palestras, que tanto se assemelham às práticas religiosas, mas pela acção directa, pela prática constante através das actividades e dos jogos, especialmente executados ao ar livre. O mesmo se poderá afirmar do amor e da reverência para com Deus, que, no campo, em contacto com obra da criação revelada na natureza, atinge a sua plenitude num sincero espírito de adoração para com **O** dador da vida.

A actividade do ar livre oferece-nos ainda os benefícios do revigoramento físico, do saneamento pelo ar puro, do fortalecimento dos músculos. Por outro lado, a cidade nem sempre proporciona ambientes sãos para os ócios da gente nova. Baden-Powell considerou a actividade escoteira no campo como o mais vigoroso meio de combater o estiolamento que a mocidade sofre na cidade através das facilidades que a vida moderna proporciona. Se o nosso Movimento viver afastado de tal ambiente de forma nenhuma poderá colher estes benefícios e nunca atingirá os objectivos para que foi criado.

Importa, pois, aproveitar a Primavera que corre para encetar de novo o rumo ao campo. Esperamos confiados que este apelo será escutado e nos será dada a alegria de avistar novamente os Escoteiros de Portugal em animada jornada através dos campos da nossa Terra.

No campo, na sede, no lar, o «Sempre Pronto» é o companheiro que te fala das actividades escotistas.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

COZINHA

POR JÚLIA RIBEIRO

12 — *Cozinhar dois pratos além do aprendido para a prova de segunda classe.*

Vamos aprender a Cozinhar

(Continuação do número anterior)

SOPA DE TOMATE — Víveres a utilizar para uma patrulha (8 escoteiros): *4 tomates grandes, 6 batatas grandes, 2 cebolas grandes, 300 grs. de massa ou, em sua substituição, bocadinhos de pão. 1,5 dl. de azeite. Sal ao paladar.*

Descascam-se os tomates e cortam-se às rodelas, procedendo da mesma forma com as batatas e com as cebolas. Numa panela deitam-se as rodelas de batata, de cebola e de tomate, o sal necessário e o azeite. Água suficiente para cozer. Leva-se ao lume e, depois de tudo bem cozido, acrescenta-se a panela deitando a água necessária para os oito pratos de sopa. Deixa-se novamente levantar fervura e deita-se a massa. Quando se deitar a massa, convém mexer a panela para que esta se não pegue ao fundo. Prova-se se está bom de sal, deita-se mais uma pitadinha se não estiver, e serve-se. Convém ter o cuidado de não deitar sal em demasia, o que seria prejudicial.

SOPA DE HORTALIÇA — Víveres a utilizar: *4 nabos, 4 cenouras e 4 batatas. 1,5 dl. de azeite, sal e 250 g. de arroz.*

Num alguidar, corta-se a hortaliça aos pedacinhos miúdos e as cenouras da mesma forma. Descascam-se as batatas. Lava-se tudo muito bem. Deitam-se todos estes vegetais dentro da panela e põem-se a cozer com a água necessária, deitando-lhe logo o azeite e o sal.

Depois de tudo cozido, tiram-se as batatas para fora e esmigalham-se com um garfo. Acrescenta-se com a água necessária e deita se o arroz. Mexe-se devidamente para não pegar ao fundo. Logo que o arroz esteja cozido, retira-se do lume e serve-se.

SOPA DE ALFACE COM ALETRIA — Víveres a utilizar: *4 cenouras grandes, 2 cebolas, 4 nabos, 4 tomates, 2 alfaces grandes, 250 g. de aletria, 1 ovo e 1 dl. de azeite.*

Deita-se o azeite numa marmita com água, tempera-se com sal. Picam-se as cenouras, as cebolas, os nabos e alface, deita-se tudo dentro da marmita e põe-se ao lume a ferver.

Depois de tudo cozido, deita se a aletria e deixa-se cozer, o que é rápido. Bate-se àparte uma gema de ovo e deita-se dentro.

PEIXE GUISADO — Víveres a utilizar: *Pargo, safio, tamboril, arraia, dourada ou outro peixe próprio para guisar ou, ainda, peixes variados. Poderá também ser usado o bacalhau prèviamente posto de molho. 2 quilos de batatas, 2 cebolas, um ramo de salsa, 3 tomates (ou colorau na falta daqueles), 1 dl. de azeite e sal.*

Arranja-se o peixe e deita-se-lhe sal. Descascam-se as batatas, as cebolas e os tomates, que são devidamente lavados. Deitam-se estes vegetais, com a salsa picada e o azeite, num tacho ou numa panela, e cobrem-se com água. Deitam-se umas pedrinhas de sal. Vai ao lume. Logo que as batatas estejam cozidas, deita-se o peixe, que deve ficar por cima das batatas. Se se tratar de bacalhau, procede-se em tudo da mesma forma, mas o bacalhau é deitado em pedaços pequenos ao mesmo tempo que as batatas.

Assim que o peixe estiver cozido, tira-se do lume e serve-se.

CARNEIRO GUISADO — Víveres a utilizar: *1 quilo de carneiro, 1 quilo de ervilhas, 2 quilos de batatas, 1 cebola grande, 2 tomates ou colorau, 60 g. de banha, sal e 1 folha de louro.*

Num tacho miga-se a cebola aos pedacinhos miúdos e a salsa. Deita-se a banha e leva-se ao lume a lourar a cebola. Assim que esta estiver alourada, retira-se o tacho para fora, deitam-se os tomates partidos aos bocados, o carneiro, a folha de louro, deita-se água até cobrir e vai ao lume a cozer o carneiro. Tempera se de sal. Depois de estar o carneiro cozido, deitam se as ervilhas e deixa-se ferver durante 15 minutos. Após isto, deitam-se as batatas cortadas aos pedaços. Quando tudo estiver cozido devidamente, retira-se do lume e serve-se.

TORTA DE BATATAS

Descascam-se batatas e cozem-se. Cortam-se às rodas. Batem-se dois ovos e envolvem-se com salsa e cebola picadas, de maneira a formar um pastelão, que vai ao lume a fritar em azeite bem quente. Assim que a torta estiver loura de um lado, volta-se para que possa alourar do outro.

OVOS COM TOMATES

Descascam-se tomates e extraem-se-lhes as sementes. Deitam-se em azeite a ferver, mexendo-os bem para que se não queimem.

Noutro recipiente, batem-se os ovos e juntam-se depois aos tomates a ferver, mexendo e misturando bem.

Deve ser servido com salada de alface.

ERVILHAS À FRANCESA

Deita-se um pedaço de manteiga numa marmita. Lourar durante alguns minutos duas cebolas e depois ervilhas frescas e tenras, juntando uns pés de salsa e uma folha de louro e acrescentar com água. Cozer a fogo lento. Deve acompanhar-se a cozedura com atenção para evitar que as ervilhas se peguem, deitando-lhe água em caso de necessidade.

Pode juntar-se gemas de ovo a este prato.

SALADAS

As saladas devem acompanhar, sempre que possível, estas comidas. Todos as sabem preparar, devendo ser servidas com abundância. Os pepinos e os pimentos não se devem usar, visto que não seriam saudáveis para todos os estômagos.

BEBIDAS

No campo não devem ser usadas bebidas alcoólicas, mesmo que os escoteiros estejam habituados a tomá-las em suas casas. Acontece que nem todos os rapazes estão habituados a beber a mesma porção de vinho e seria difícil averiguar a quantidade indicada para cada um, o que poderia dar origem a prejuízos graves.

Além de tudo, o Escoteiro deve ser capaz de se prover de qualquer comida ou bebida prejudicial e a atitude de prevenção a respeito das bebidas alcoólicas, não as usande no acampamento, chamará a sua atenção para o perigo do uso imoderado.

* * *

Um bom cozinheiro é sempre apreciado pelos seus companheiros e a sua arte será útil em muitas circunstâncias da vida. O escoteiro deve saber cozinhar, porém, esta é uma arte que só se adquire pela prática. As ementas acima citadas são apenas bases para outras manipulações. Exercita-te na culinária e terás conquistado uma habilidade, que poderá prestar-te ainda relevantes serviços e tornar-te-á um «sempre pronto» em muitas circunstâncias.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



ALVÍSSARAS

Na tenda do Zeferino, situada no largo central de Caneças, desenrolou-se uma discussão de que vou dar conhecimento aos meus leitores.

O Alfredo, rapaz de quinze anos, aluno muito distinto do liceu, viera passar as férias grandes àquela risonha localidade de que era natural. Belo rapaz, era escoteiro de um dos grupos de Lisboa, onde dirigia uma patrulha.

Todas as manhãs, ia ler o jornal à tenda. Como lia pausadamente, com voz bem timbrada, e explicava, pormenorizadamente, aos camponeses as passagens que não compreendiam, a loja enchia-se de populares que escutavam Alfredo, embevecidos.

Claro está que o Zeferino ficava radiante, pois vendia sempre alguns copinhos, tabaco e guloseimas aos ouvintes...

Ora, nesse dia, o rapaz leu um anúncio em que se ofereciam boas alvíssaras a quem entregasse à sua possuidora na Rua Lacerda Maia, n.º 28, 5.º, em Lisboa, uma valiosa pregadeira de ouro e brilhantes que havia sido perdida na Baixa.

Assim que ouviu ler a notícia, o Zé da Teresa exclamou:

— Que bom! Tomaria eu ter achado essa tal coisa...

Alfredo observou:

— Claro está que iria levá-la imediatamente à dona...

— Isso sim! — replicou o camponês — Não faltava mais nada! Ou a vendia, e com o dinheiro comprava aquele bocadinho de terreno que está ao pé do rio e é do João do Norte, ou, então, dava a tal... como se chama isso, menino Alfredo?

— Pregadeira — explicou o interpelado.

— Dava a tal pregadeira à minha Mónica, que havia de fazer uma *vistaça* com ela no dia da festa...

Alfredo, que ouvira em silêncio as palavras do campónio, exclamou:

— Pois se tal fizesse, o senhor cometeria um furto!

— Ora essa! Um furto? — admirou-se o Zé da Teresa—. Isso, com sua licença, era só se eu tirasse alguma coisa a alguém...

— Então o senhor José acha que não tirava essa jóia ao seu legítimo proprietário? Embora soubesse que a pregadeira pertencia a uma senhora, moradora numa determinada rua, não lha entregava, isto é, apoderava-se, indevidamente, dum valor que era de outrem. Ora, suponha que o senhor José ia a Lisboa para a vender. As lojas de ourivesaria e joalharia estavam avisadas pela Polícia. O senhor a tentar vender a pregadeira e o ourives a chamar imediatamente o cívico mais próximo, que o levava preso. Depois, seguia-se o processo que o levaria ao tribunal por furto, por *furto*, senhor José...

Zé da Teresa ficou um tanto abalado com os argumentos do rapaz.

— Mas sempre ouvi dizer que *o que nosso tem de ser às mãos nos há-de vir ter*...

— Sim, senhor José, mas é o que nos vier às mãos por meios lícitos, ganho pelo nosso esforço ou pelos acasos da sorte (uma herança, um prémio da lotaria, por exemplo) e nunca o que é dos outros.

— Então, já estou a ver que se eu tivesse achado a tal pregadeira, devia ter ido entregá-la à dona.

— Nem mais. Ficava com a sua consciência tranquila.

— Bom, é destas coisas — exclamou o Zé da Teresa, coçando a cabeça — essa ainda diz que dá boas alvíssaras. Mas aqui há tempos, ao Simplício aconteceu-lhe uma boa. Ora conta lá, Simplício, isso à gente...

Simplício, outro aldeão, que ali se encontrava a ouvir, como habitualmente, a leitura do jornal, explicou:

— Há coisa de uns dois meses, passava eu pelo Poço do Borratém, mesmo ao pé da bica, quando vi, caída ao pé duma valeta, uma carteira bem recheada. Apanhei-a sem que ninguém visse, guardei-a e, quando me encontrei só, verifiquei que tinha dentro para cima de três contos, uma carta de *chófer* e outros documentos. Por acaso, tinha uns bilhetes de visita e, assim, não me custou nada encontrar a casa. O dono da carteira morava numa vivenda no Dafundo. Fui lá, o homem disse-me *muito obrigado* e nem sequer me pagou a despesa que fiz no carro...

— Realmente — observou o rapaz — esse indivíduo não cumpriu o seu dever. Mas o facto de os outros não cumprirem o dever não significa que nós também o não cumpramos. O dono da carteira não se portou como devia, mas o senhor Simplício deu-lhe uma lição. Por isso, agora tem autoridade moral...

— Isso é que é falar! — exclamou o Zeferino, que muito apreciava as qualidades do escoteiro e seguira, com o maior interesse, a discussão—. Isso é que é falar às direitas!...

— Mesmo as alvíssaras são um estímulo que, em boa verdade, nem devia existir — continuou o escoteiro—. Eu, quando achar qualquer coisa de valor material ou estimativo, entregá-la-ei ao dono sem receber qualquer compensação, pois entendo que não se deve receber qualquer recompensa pelo simples cumprimento do dever. Acha-se um objecto, entrega-se à autoridade, ou, se vier anúncio no jornal, procura-se o proprietário e restitui-se-lhe o achado. Se se fizeram algumas despesas com a restituição, apresenta-se a conta, e nada mais.

— Pois eu cá — tornou o Zé da Teresa, que era cabeçudo — continuo na mesma. Se eu achar alguma coisa de valor, bom proveito me fará...

— Pois sim! — exclamou Alfredo — mas se perder a carteira com dinheiro, ficará todo contente se alguém lha restituir. Ou não será assim?

— Pois claro — retorquiu o camponês.

— E se a pessoa que a encontrasse fizesse o mesmo que o senhor José da Teresa entende que se deve fazer, isto é, guardasse a carteira com o dinheiro?

— Então, o corpanzil do Zeferino estremeceu todo numa gargalhada atroadora:

— Ouve lá dessas, Zé da Teresa! Tu, que tens a mania de ser *vivaço*, responde agora...

Mas o Zé da Teresa, evidentemente abalado pelo argumento do escoteiro, recolhera-se a um significativo e embaraçoso silêncio...

— Não faça caso, menino Alfredo. Este é dos tais que *quer Deus para si e o Diabo para os outros*... O seu a seu dono...—exclamou o Zeferino, com gestos largos — cá para mim, só quero o que é meu, o que é ganho com o meu trabalho e o da minha Jacinta. Até me parecia que o que fosse dos outros não me brilhava... Pobrezinho, sim, mas honradinho. E se fosse entregar um objecto achado, e o dono nem sequer me agradecesse,

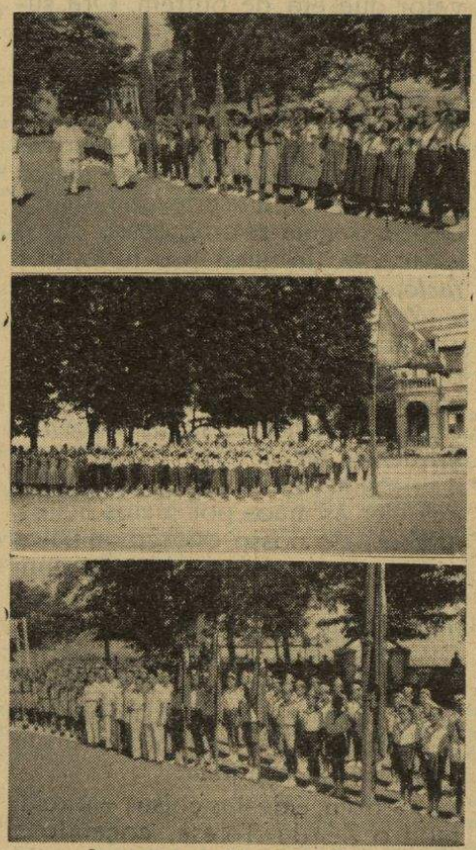
(Conclui na 6.ª página)

NOTAS DE VIAGEM

Após tão longa viagem, em que três vezes passámos o Equador, estamos muito longe de Lisboa, embora em Portugal. Escrevemos de Timor, desta *ilha verde e vermelha* amada por Wenceslau de Morais, que, nas suas andanças de marinheiro, se extasiou com o «pomar submarino» da baía de Dili, e cantada por Osório de Castro, a quem o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre chamou «espécie de Lafcádio Hearn português». Estamos em Timor, cujos nativos nem sequer pisam a sombra da Bandeira e sabem verter, generosamente, o seu sangue para não deixarem de ser portugueses.

Durante a viagem, que durou, apenas, pouco mais de um mês, graças à velocidade do navio holandês, «Maasllovd», que nos levou até Singapura, não esquecemos os bons amigos que deixámos em Lisboa. Entre eles, não podiam deixar de figurar os escoteiros. Do pouco que vi e soube, venho dar conhecimento aos meus queridos leitores.

Em Dakar, linda cidade, capital da África Ocidental Francesa, onde estive durante uma hora, soube da existência de escoteiros do mar. A bordo, o ajudante do comissário informou-nos de que havia sido na sua infância, escoteiro marítimo. O comissário contou-nos que a Rainha Juliana e sua filha, a Princesa herdeira Beatriz, uma vez por ano, numa festa de escoteiros, envergam o uniforme de guias. Disse-nos, também, que, na Holanda, os escoteiros de terra se chamam *padvinder*; os marítimos *zeeverkenners;* as guias de terra, *padvindster*, e as marítimas, *zeeverkenster*. Os escoteiros de terra usam uniforme de caqui e chapéu. Os marítimos uniforme azul e o clássico boné à marinheiro.



Os escoteiros chineses de Timor em cerimónias realizadas em Dili

Dias depois, o comandante do navio, capitão Blok, ofereceu a um pequeno passageiro uma navalha, tendo, no alto do cabo a insígnia da Koninklijke Rotterdamsche Lloyd — companhia proprietária do navio — as iniciais R e L entrelaçadas e encimadas pela coroa real, e, mais abaixo, as palavras BOY SCOUT.

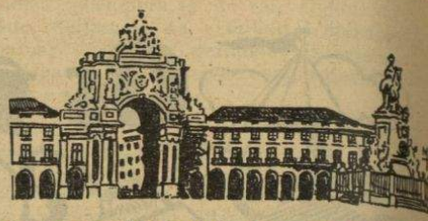
Em Belawan-Deli, porto que escalámos na Ilha de Samatra, Indonésia, apresentou-se-nos um empregado da companhia, filho de pai holandês e mãe indonésia. Contámos-lhe que havíamos admirado, em Lisboa, uma emissão de selos comemorativos do 1.º *jamboree* nacional da Indonésia, realizado em Djakarta, a antiga Batávia. O nosso companheiro disse-nos que, em malaio, a língua nacional, escoteiro se chamava *pandu;* que, em Belawan, os escoteiros eram, quase todos, muçulmanos, estando o grupo desorganizado, mas que, em Medan, cidade distante vinte e seis quilómetros, o escotismo estava florescente, dirigido por um sacerdote católico.

Em Belawan, conhecemos uma senhora inglesa, natural de Singapura, que fora guia na sua infância. Também um frade capuchinho holandês, com quem conversámos, confirmou as informações prestadas pelo empregado do Lloyd, acrescentando que, antes da última guerra, tinha sido chefe do grupo de Medan.

Tivemos oportunidade, devido a uma gentileza da Rotterdamsche Lloyd, de visitar Medan. A cidade deixou-nos agradável impressão. Perto da Câmara Municipal, vimos uma taboleta com uma legenda, entre a cabeça de um lobo e uma flor-de-lis. Era ali a sede dos escoteiros.

A bordo, poucos dias antes de chegar a Singapura, travámos conhecimento com um oficial de bordo, que era escoteiro. Falámos animadamente, sobre o Movimento, tendo-o eu posto ao corrente das comemorações realizadas em Lisboa por motivo do centenário do nascimento de

(Continua na página 6)



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Comemorações do Dia de S. Jorge

Para comemoração do dia de S. Jorge — dia 23 — a Região Centro reuniu no passado dia 27 de Abril, nos terrenos da Associação Cristã da Mocidade, os escoteiros e lobitos de todos os grupos de Lisboa e Sintra, estando também presentes as Guias da Companhia «Rainha D. Leonor».

Registou se a presença de numerosa assistência, na maioria famílias dos escoteiros e antigos escoteiros membros da Fraternal.

Em cadeiras colocadas no centro da parada assistiram à festa os senhores: Luís Grau Tovar de Lemos e Albano Silva, em representação da Direcção da A. E. P., Armando Rodrigues, da Direcção da A. C. M., Prof. Sillas Raeder, secretário fraternal da A. C. M. do Rio de Janeiro, Chefe Guia D. Cremilde Soares, D. Margarida Belo Redondo, em representação das mães dos escoteiros, Vítor Lima, antigo escoteiro do Grupo 7, Quintino Pinheiro, vice-presidente da Fraternal e o Director do nosso jornal.

O programa iniciou-se com uma alocução do escoteiro Luís Filipe Vilar, sobre o significado da data que se estava comemorando.

Em seguida, as guias apresentaram alguns números de bastante agrado.

Um antigo escoteiro dinamarquês, de passagem pelo nosso país, dirigiu a seguir, aos escoteiros presentes, uma mensagem de amizade, a qual foi gentilmente traduzida do alemão pelo nosso amigo sr. Wolf Karl.

Até final da festa, foram apresentados alguns números de canções, monólogos e música pelos escoteiros dos vários grupos.

No programa foram ainda incluídas as cerimónias de «compromisso de honra» e «investidura» de alguns escoteiros e caminheiros.

Por estes actos constituírem os dois passos mais sérios na vida de um escoteiro, permitimo-nos fazer sobre eles algumas considerações.

Não estamos de acordo que tanto o compromisso como a investidura se efectuassem entre uma anedota e um monólogo burlesco ou uma canção pitoresca, roubando, por isso, toda a sinceridade de que devem revestir-se estes actos.

Quanto à «investidura», lamentamos que os organizadores não tivessem o cuidado de passar uma vista de olhos por qualquer ritual.

A numerosa assistência, que rodeou esta festa escotista, merecia ser melhor esclarecida sobre o significado de actos tão importantes. —M. G. I.

Região Centro

Uma Comissão de Chefes, encarregada de organizar e dirigir as actividades de conjunto dos grupos do Núcleo de Lisboa, acaba de elaborar um programa de iniciativas para os meses de Maio a Setembro deste ano. Para o corrente mês, está prevista uma visita de lobitos ao Aquário Vasco da Gama, outra de escoteiros e caminheiros a um submarino da nossa Armada, no dia 24 uma festa na sede do Grupo n.º 1 e ainda se pretende inaugurar um curso de aeromodelismo.

No dia 10 de Junho, Dia de Portugal, os lobitos visitarão hospitais de crianças e farão uma distribuição de guloseimas e brinquedos. As outras duas Divisões prestarão homenagem a Luís de Camões, junto do seu túmulo nos Jerónimos.

No dia 20, haverá uma festa na sede do

(Conclui na página 5)

AINDA O INQUÉRITO DO «SEMPRE PRONTO»

ESCOTEIRO OU ESCUTEIRO ?

Depois do desenvolvido depoimento do sr. eng.º Nobre Santos, mais nenhum dos nossos estimados leitores nos enviou a sua opinião àcerca da mais correcta ortografia da palavra ESCOTEIRO. Até agora todos os nossos leitores preferiram a palavra escrita com «o», aduzindo razões várias.

A nós não nos agrada a missão de árbitros deste assunto, nem para isso nos consideramos qualificados. É certo que iniciámos este inquérito com o fim de resolver àcerca da mudança da ortografia da palavra *escoteiro* nas colunas do «Sempre Pronto». Confessamos que, parecendo-nos ter chegado ao fim do inquérito, não encontrámos razões fortes para efectuar a modificação e verificamos que a maioria dos nossos leitores, que muito prezamos, prefere a ortografia com «o».

No entanto, da discussão deste problema ortográfico, alguma coisa ficou esclarecido, que podemos assim resumir:

1) Oficialmente ficou estabelecido pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro que o rapaz que faz parte do movimento fundado por Baden-Powell seria designado em Portugal por *Escuteiro* e no Brasil por *Escoteiro*. Esta decisão *oficial* revela que não obedeceu a um estudo ponderado e foi assim resolvido porque se *julgou* que seriam estas as formas ortográficas usadas pelas associações escoteiras nos dois países. Doutra forma, não se poderá compreender o fundamento com que se manda escrever no Brasil de uma maneira e em Portugal de outra.

2) A palavra inglesa *Scout* é de origem francesa e significava inicialmente *escuta*. Porém, como o sr. Eng.º Nobre Santos fez notar, o sentido da palavra evoluiu muito, sendo usada com significados diferentes. Baden-Powell denominava como *Scouts* os grandes navegadores e exploradores, citando mesmo os grandes marinheiros portugueses como *Scouts*. Ora tal designação nada tinha de comum com *escuta*, de escutar.

3) Na língua portuguesa, antes da fundação do Movimento Escoteiro, os nossos dicionaristas registavam as palavras Escoteiro e Escuta. Pudemos chegar a esta conclusão porque o nosso estimado amigo e um dos mais antigos Escoteiros de Portugal, sr. Júlio dos Santos Trindade, pôs à nossa disposição a sua importante colecção de dicionários, onde fizemos interessantes consultas. Assim, num dicionário muito antigo, cujo autor e data não foi possível apurar, encontrámos o seguinte apontamento: «*ESCOTEIRO (Adjectivo) — que faz jornada sem família, nem outro embaraço.* Expeditus. Incomitatus. — Soldados escoteiros, i. e. *armados à ligeira*». No «Novo Dicionário da Língua Portuguesa» por Eduardo de Faria 2.ª Edição, 1851, encontrámos: «*ESCUTA — Sentinela avançada, espia que vai reconhecer o inimigo, espreitar, escutar...*» Do «Dicionário das Seis Línguas» de Francisco de Almeida, Edição de 1902, tiramos os seguintes apontamentos: «*ÉCLAIREUR — Soldado que vai à descoberta. Alemão Plänkler. Inglês Scout. Espanhol Explorador. Italiano Esploratore. Português Explorador*». É interessante notar que a palavra francesa *Éclaireur* foi usada em França para designar o rapaz que faz parte do nosso Movimento. O seu significado é *soldado que vai à descoberta*. Não tem qualquer significado de *espião*, de *escuta* ou de *sentinela* e é indicada como equivalente em inglês a palavra *scout*, em espanhol *explorador* e em italiano *esploratore*, palavras estas que foram dez anos mais tarde escolhidas nesses mesmos países para designar os modernos escoteiros.

No «Dicionário da Língua Portuguesa», de António de Morais e Silva, pudemos encontrar: «*ESCOTEIRO — O que viaja sem alforge, e à ligeira e que por isso vai comer e agasalhar-se por seu escote em estalagens. ESCUTA — Pessoa que vai espiar em terra do inimigo. Sentinela avançada*».

No «Grande Dicionário Português-Francês», de Domingos Azevedo, também encontramos como significado de «*ESCOTEIRO — Aquele que viaja sem bagagem. (Adjectivo) — Veloz, rápido, ligeiro, só, isolado*».

Temos, portanto, na língua portuguesa duas palavras distintas: *ESCOTEIRO* e *ESCUTA*, vocábulos com significados completamente diferentes. A palavra *ESCUTEIRO* só aparece nos dicionários de português muitos anos depois da fundação do nosso Movimento.

4) Os introdutores do Movimento de B.-P. em Portugal adoptaram a palavra *Escoteiro*, que fazia parte do nosso léxico, e que entenderam ser àquela que melhor se adaptava às características do método educativo conhecido em Inglaterra como os «*Boy Scouts*».

(Conclui na página 8)



Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Provas de classe — O Grupo bivacou em 26 de Março e 6 de Abril junto à mata local. Na última destas actividades cada escoteiro preparou o seu almoço.

33.º Aniversário — Em 4 de Abril, foi comemorada a passagem do 33.º aniversário do «60». O Chefe proferiu uma palestra alusiva à data, após o que se efectuou um concurso de provas teóricas, ganho pela Patrulha «Lobo».

Acampamento — Em 12 e 13 de Abril, efectuou-se o primeiro acampamento deste ano, no qual apenas os escoteiros mais velhos passaram a noite.

No dia 13, após o hastear das bandeiras, procedeu-se à entrega do «Troféu do Jamboree» à Patrulha «Lobo», vencedora no 1.º trimestre do concurso com aquela designação. Entregou o troféu o Guia Manuel Godinho, que o havia oferecido ao Grupo e que, felicitando os vencedores, exortou as Patrulhas a trabalhar para o conseguirem definitivamente.

O Guia José Mascarenhas Tamissa, que há anos vinha dirigindo a patrulha «Lobo», despediu-se dos seus camaradas por ir prestar o serviço militar, tendo-lhe o Escoteiro mais velho da Patrulha oferecido um objecto de utilidade como lembrança da mesma. O Chefe do Grupo louvou o exemplo de perseverança e trabalho dado pelo Guia Tamissa, tanto no Grupo como fora dele.

Dia do Escoteiro — Em 23 de Abril, foi comemorado o Dia do Escoteiro. Depois do Chefe ter evocado a vida de S. Jorge, procedeu-se à entrega dos prémios do concurso anual aos escoteiros que mais se distinguiram por acções meritórias. O primeiro prémio, um exemplar do livro de Baden Powell «Escotismo para Rapazes», coube ao Escoteiro António Alfredo Guerreiro; o segundo, um apito com bússola, ao Subguia José António Gomes Baptista Nené e o terceiro, um distintivo da A. E. P., ao Escoteiro Gilberto de Sousa Neto.

Seguiu-se o Compromisso de Honra do aspirante António Joaquim da Encarnação Viegas, que ingressou na Patrulha «Lobo» e um concurso relâmpago inter-patrulhas que foi ganho pela «Poupa». — *C.*

Torneio «Roberto Moreton»

Publicamos de novo a classificação deste Concurso, realizado entre os Bandos de Lobitos dos Grupos evangélicos da capital, em virtude de ter saído errada a notícia publicada no último número, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

1.º —	Bando	Castanho	—	Grupo	94 — 52	pts.
2.º —	»	Azul	—	»	» — 41	»
3.º —	»	Preto	—	»	10 — 38	»
4.º —	»	Branco	—	»	8 — 32	»
5.º —	»	Branco	—	»	94 — 16	»

O ESCOTISMO NA CAPITAL

(Continuação da página anterior)

Grupo 99, na rua do Possolo, com demonstrações, projecção de filmes e uma palestra.

Projecta-se ainda para o fim de Junho um fogo de conselho a realizar, possìvelmente, no Castelo de S. Jorge.

«Sempre Pronto» dará a conhecer oportunamente o programa previsto para os meses seguintes.

NOTAS DE VIAGEM

(Continuação da página 4)

Lord Baden-Powell e do cinquentenário do Escotismo. Esse nosso irmão-escoteiro holandês emprestou-nos numerosas ilustrações do seu país. Numa delas, de nome «Panorama», tal como em português, de 28 de Julho de 1956, encontrámos um artigo curioso sobre «De dictatuur der rechtsen» (A ditadura da direita), em que são assinaladas individualidades que usavam a mão esquerda: Leonardo da Vinci, Andersen, Rainha Vitória de Inglaterra, Bjornson. Também Churchill se encontra nessas condições. O artigo publicava uma bela fotografia de Lord Baden-Powell, fardado, o peito coberto de condecorações, quépi felpudo de granadeiro. Por baixo, a seguinte legenda: «Lord Baden-Powell tinha uma boa ambidextria pessoal. Embora, nesta fotografia, segure a espada com a mão esquerda, também a podia empunhar com a direita». A tradução da legenda foi feita, amàvelmente, do holandês para o inglês, pelo ajudante de comissário.

Em Dili, tivemos ocasião de ver, na revista «Seara», órgão da Diocese, um interessante artigo, assinado pelas iniciais E. D., transcrito da revista «Missões» e intitulado o «Desporto e as Missões», donde extraímos as seguintes passagens:

«*A par do desporto, e sempre debaixo da orientação missionária, tem-se desenvolvido por toda a África outra vigorosa escola de educação física, que é o Escotismo. Não só no Congo Belga, mas nas colónias francesas e inglesas de África, por toda a parte, se formam e movimentam grupos de escutas indígenas dos dois sexos, comandados por missionários e até por freiras.*

Lá fora, o fervor pela sã educação física da juventude africana vai tão longe que já se viram padres católicos a dirigir grupos de escutas muçulmanos convictos e fanáticos ...»

Noutro número da mesma revista, noticiava-se que o Padre Defour, dos Padres Brancos, havia fundado, no Congo Belga, uma nova espécie de escotismo, «de base estritamente católica, com a designação de Xaverianos», destinado a ambos os sexos e que já contava milhares de adeptos não só naquela colónia como nas outras. A insígnia do movimento é o monograma de Cristo, XP.

Pessoa amiga emprestou-nos um exemplar da revista «Pix», da Austrália, datado de 9 de Março último. A capa inseria uma foto, a cores, da chegada da Rainha Isabel II de Inglaterra a Portugal. No interior, havia outra foto, em que se vêem os escoteiros e guias correndo para o automóvel da Presidência da República em que seguia a Rainha. A legenda, traduzida para o português, dizia: «Transportando as bandeiras dos grupos, os escoteiros e as guias, infringindo as formaturas e ignorando barreiras, correm em perseguição do automóvel real nas ruas de Lisboa».

Em Timor, fui, pouco depois de chegar, convidado pelo cônsul da China para um *cocktail*. No consulado, prestavam guarda de honra e serviam os aperitivos e bebidas, escoteiros e guias chineses. Perto, fica a escola da comunidade chinesa. Nela, tivemos ocasião de admirar curiosos desenhos, representando escoteiros, a bandeira do grupo, etc.

Segundo informações que nos foram prestadas, o grupo começou a sua actividade em Abril de 1950, com 110 escoteiros (70 do sexo masculino e 40 do feminino). Hoje, conta 150, sendo o número de rapazes sensìvelmente igual ao das raparigas.

Os rapazes envergam quépi de caqui, lenço bipartido de azul e branco. As raparigas usam blusa de caqui e saia azul, lenço e quépi iguais. No peito, os emblemas das classes.

A actividade do grupo é reduzida a pouco mais do que a ginástica e a jogos. Nada pode fazer em campismo, por falta de material, segundo dizem.

A bandeira é azul, tendo no meio uma flor-de-lis. No meio dos braços desta, assenta a insígnia da China Nacionalista: o Sol com doze raios. Nos braços direito e esquerdo, uma estrela amarela. No braço direito, um filete vertical. A pequena base que une os três braços é verde. A flor-de-lis, bem como o listel, é vermelha, debruada a amarelo. O listel, na parte inferior, é debruado a verde. Nele figuram três caracteres chineses, em branco, que significam: bravura, bondade e inteligência. Sob o listel há outro ainda, mais pequeno, também vermelho e avivado a amarelo.

Sempre que se realizam festas, os escoteiros apresentam-se, impecáveis, empunhando a sua bandeira.

Há anos, Antero Nobre, numa das suas tão apreciadas crónicas

(Conclui na página 8)



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

III Jambori Árabe

O III Jambori Árabe vai realizar-se de 6 a 16 de Agosto próximo, num excelente local, Bir el Bey, situado a 20 quilómetros da cidade de Tunis, com boas possibilidades para campismo, uma magnífica praia e colinas. Os Escoteiros Tunisinos trabalham activamente na preparação deste acampamento, no qual se espera participem 3.000 escoteiros de 14 a 17 anos de idade, e 2.000 caminheiros de 17 a 24 anos. O contingente tunisino consistirá sòmente de escoteiros de 2.ª classe e os caminheiros deverão prestar várias provas para que possam ser aceites.

As despesas do acampamento são muito baixas, apenas 2.000 francos, preço em que estão incluídas todas as despesas desde a chegada, excursões, comida, etc.

Feira Mundial de Bruxelas

A Interfederal Belga de Escotismo, que agrupa as três associações de escotismo da Bélgica, enviou convite a todos os Escoteiros do mundo para visitarem a Feira Mundial. Para facilitar esta visita aos Escoteiros, os nossos irmãos belgas abriram acampamentos e organizaram alojamentos, cujos preços vão desde 5 até 120 francos belgas, por dia, situados em: Bruxelas, Antuérpia, Charleroi, Ghent, Ostend, e noutras cidades e vilas. Tanto os Escoteiros como as Guias procurarão obter acomodações em casa de escoteiros e guias e organizarão ainda acampamentos de bairros nos meses de Julho, Agosto e Setembro, a fim de facilitar a visita à Exposição.

As reservas deverão ser feitas com dois meses de antecedência através do Secretário das Relações Internacionais de cada associação.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Visita — Em 2 de Maio corrente, deu-nos o prazer de sua visita o sr. Manuel de Sousa, Director-Tesoureiro do Grupo n.º 4 dos Escoteiros de Portugal, do Porto, que nos trouxe interessantes notícias desta unidade. Agradecemos à amabilidade da visita.

Casamento—Em 6 de Abril passado, na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, realizou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Maria Gonzaga Boller Mineiro com o nosso estimado amigo e assinante sr. Hernâni Gomes da Costa. Aos noivos auguramos muitas felicidades.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Os nossos contos

(Conclusão da página 3)

eu ficaria na mesma. Saía de cabeça erguida, porque tinha procedido como devia. E, acima de tudo, o que eu mais aprecio é o sossego da minha consciência...

MANUEL FERREIRA

ANTIGOS ESCOTEIROS

Almoço de Confraternização

No domingo, dia 4 do corrente, a Fraternal realizou o almoço de confraternização que comemorava o Dia do Escoteiro. Presidiu o presidente do Conselho Fiscal, sr. prof. Aníbal Ramos, ladeado pelo vice-presidente da Direcção, sr. Quintino Pinheiro; pelo director do «Sempre Pronto», e pelos srs. Humberto Martins e Walter Westwood. Estiveram ainda presentes os srs. Ernesto Clímaco do Nascimento, António de Mira Calhau, José Dionísio dos Santos, Capitolino Ferreira Macedo, António Gonçalves, Almerindo Gonçalves Fernandes, Luís António dos Santos, José Joaquim Duarte Costa, Heitor Borges da Silva, João Madeira Leitão, Fausto Sacadura, Wolf Karl, Félix Bragança, João Henriques Pereira Soares, José Raposo Bicho, Camilo José Nogueira, Fernando d'Abreu Morais, António Couto Pinto, José Libório Trancoso, Jorge António dos Santos e Artur Ferreira do Carmo.

Após a refeição, usou da palavra o vice-presidente da Direcção que se referiu aos problemas e aos projectos da Fraternal, às iniciativas em curso, tendo solicitado o apoio de todos para que as actividades e empreendimentos pudessem ter a amplitude devida.

Noite dos Antigos Escoteiros

Uma das iniciativas que foram sugeridas pela Direcção, e que nos parece ter despertado muito interesse, foi a organização de reuniões dedicadas especialmente aos antigos escoteiros de cada grupo. Assim promover-se-ia a Noite dos Antigos Escoteiros do Grupo 1, do 2, do 3, etc. etc. Nessa noite, não haveria pròpriamente uma palestra, mas os antigos escoteiros presentes usariam livremente da palavra para recordar episódios da vida desses Grupos e, sobretudo, seria um ensejo para que se encontrassem antigos companheiros. Os «antigos» presentes apoiaram esta sugestão.

Secção de Campismo

Também esta iniciativa mereceu interesse de uma parte dos «antigos» presentes. Esboçou-se imediatamente a constituição de uma Comissão para promover a organização do Campismo na Fraternal.

Dr. Tovar de Lemos

Foi recordado o Presidente da Direcção da Fraternal, cujo estado de saúde não lhe permitiu a sua presença aii. Foi aprovado um voto de saudação, que lhe seria transmitido pelo Vice-Presidente. Depois, por proposta do Presidente da Mesa, foi resolvido que estes votos lhe fossem apresentados por uma comissão dos presentes.

* * *

Discursaram ainda os srs. Artur do Carmo, Westwood, E. Ribeiro, tendo no final proferido um sentido discurso o sr. Prof. Aníbal Ramos, que lembrou a organização do grupo do Asilo Maria Pia, as reuniões promovidas pelo dr. Tovar de Lemos, e outras recordações dos tempos antigos, tendo afirmado que só pedia a Deus que todos os presentes pudessem buscar no passado a inspiração para uma nova actividade da Fraternal.

Está de parabéns a Fraternal por mais esta reunião realizada num ambiente familiar, de onde saíram decisões interessantes. Muitos antigos escoteiros escreveram a justificar a sua ausência e saudando a Fraternal.

* * *

A reunião foi interessante e agradável como reunião. O almoço, servido na FNAT, na Calçada de Santana, foi péssimo. É inadmissível que se sirva uma refeição em tão más condições. Não só os diversos pratos estavam mal cozinhados, mas a comida foi certamente feita com muitas horas de antecedência e metida no frigorífico. Os pratos estavam frios, os alimentos rijos com um aspecto detestável. O pão excessivamente duro. Uma única criada para servir. Uma grande parte da comida foi devolvida e houve mesmo quem não lhe tivesse tocado. Parece-nos que a FNAT deve ser definitivamente riscada destes almoços de confraternização, pois a forma como este almoço foi servido —pago por um preço que se não pode considerar barato — revela falta de consideração pelos comensais, até mesmo nos próprios utensílios de serviço.



WAGONS - LITS // COOK

Mais de 380 Agências no mundo

Viagens em Grupo e individuais "à Forfait" (tudo incluído)

Organização de excursões e congressos

Serviço de BaNco e de Câmbios

GuiaS e intérpretes

BiLhetes de comboio, W. Restaurante, W. Lits, Pullman,

AvIão, Barco e Cruzeiros

Transporte de bagagens e mercadorias—Seguros

ViStos e Passaportes

Wagons-Lits // Cook

Oferece-vos os serviços

duma Organização Mundial

CooK // Wagons-Lits

AGÊNCIAS EM PORTUGAL CONTINENTAL E ULTRAMARINO:

LISBOA — Av. da Liberdade, 103 — Telefs. 3 15 37/8/9 — 3 17 91/2/3
PORTO — Palácio da Nacional—Praça da Liberdade, 12—Telef. 2 50 40
COIMBRA — Largo da Portagem (Edifício do Turismo)—Telefs. 5322-5333
ESTORIL — Arcadas do Parque—Telef. 060285
L. MARQUES—Av. da República, 49—Edifício Santos Gil—Caixa Postal 1106 —Telefs. 3666-6888 e 6756.
LUANDA—Avenida Marginal Paulo Dias de Novais—Caixa Postal 3500— Telefs. 4068 e 4069.

MAIS DE CEM ANOS DE EXPERIÊNCIA !

DIA DO ESCOTEIRO

O nosso solícito Delegado nos Açores, Escoteiro-Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, teve a gentileza de nos endereçar «saudações fraternais, desejos de muita prosperidade e boa caça» por ocasião do Dia do Escoteiro, votos que sinceramente agradecemos e retribuímos.

Livros indispensáveis a todos os Dirigentes e Guias de Patrulha

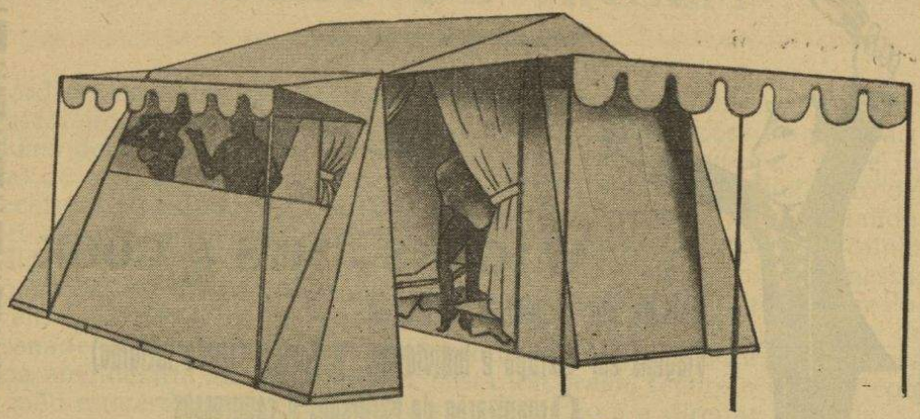
De Baden-Powell:
ESCOTISMO PARA RAPAZES .. 20$00
De Roland Philipps:
O SISTEMA DE PATRULHAS... 5$00
Provas de 3.ª classe:
PARA SER ESCOTEIRO ..... 3$50
Provas de 2.ª classe:
SEMPRE PRONTO ..... 5$00

À VENDA
SERVIÇO DE MATERIAL E UNIFORMES DA A. E. P.
e na Redacção do «Sempre Pronto»
(Pelo correio acresce o porte)

BOLETIM DA FRATERNAL

Informamos os nossos estimados assinantes que o Boletim da Fraternal será publicado de dois em meses, pelo que o próximo sairá em Junho.

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



TENDA OÁSIS

A tenda ideal para férias fixas e deslocações ao estrangeiro, de fácil montagem e leve armação em tubo de dural.

A TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13, 1.º — Telef. 2 19 17 — LISBOA

ESCOTEIRO OU ESCUTEIRO?

(*Conclusão na página 5*)

Parece-nos, portanto, que o problema não está na escolha de uma ortografia, mas de uma palavra. Qual será a palavra que melhor se adapta ao membro do nosso Movimento: *ESCOTEIRO* ou *ESCUTEIRO (Escuta)?* Os leitores que nos escreveram optaram pela primeira. Parece mesmo que a muitos desagrada o significado de *Escuteiro*, aquele que *escuta*. Haverá mais algum leitor que em poucas palavras nos queira dar uma opinião esclarecida? Se assim não for continuaremos a adoptar nestas colunas o termo *Escoteiro, o que viaja ligeiro*, por associação, o *explorador*.

NOTAS DE VIAGEM

(*Conclusão da página 4*)

publicadas no jornal «Os Sports», ao referir-se às numerosas associações escotistas que existiram em Portugal, citou os «Escoteiros de Timor». Julgo tratar-se de uma tentativa levada a efeito pelo então Padre Jaime Garcia Goulart, superior do Colégio missionário de Soibada, hoje Bispo da Diocese de Dili, ou de outra tentativa, realizada pelo saudoso administrador Armando Pinto Correia, que, em Baucau, onde realizou uma obra verdadeiramente notável, criou escolas agrícolas-escoteiras. Tanto uma iniciativa como outra duraram poucos anos.

Por isso, no Timor de hoje, são os rapazes e raparigas chineses que exibem com todo o aprumo a bandeira com a flor-de-lis.

MANUEL FERREIRA

1.º Acampamento de Férias dos Escoteiros Evangélicos

O 1.º Acampamento de Férias dos Escoteiros dos Grupos Evangélicos da A. E. P. realiza-se de 24 a 31 de Agosto deste ano, em Alhadas, perto da Figueira da Foz.

Nesta actividade, que está sendo cuidadosamente organizada, poderão participar não só os membros das unidades evangélicas, mas todos os Escoteiros de Portugal, que professem a religião evangélica. Os interessados deverão dirigir-se aos Chefes dos respectivos Grupos, e estes poderão fazer a sua inscrição na Secretaria-Geral dos Escoteiros e Guias Evangélicos, na rua Febo Moniz, n.º 17.

Está prevista a realização de uma excursão à cidade de Coimbra, um grande jogo, um jogo nocturno, dois grandes fogos de conselho, colocação de um ramo de flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Figueira da Foz, duas festas de campo e outra festa de lobitos.

No Domingo, dia 31, realizar-se-á uma excursão das famílias e pessoas amigas que desejem visitar o acampamento e assistir à festa de encerramento. A excursão será feita em autocarro e partirá de Lisboa, de manhã cedo, visitando Caldas da Rainha, Leiria, Figueira da Foz e Alhadas. No regresso, visitará Coimbra e chegará a Lisboa cerca das 23 horas. A excursão custará cerca de Esc. 110$00, devendo os interessados dirigir-se àquela Secretaria a fazer a sua inscrição. Logo que a lotação do autocarro esteja completa, não serão aceites mais inscrições.

• • o • •

GUIDISMO

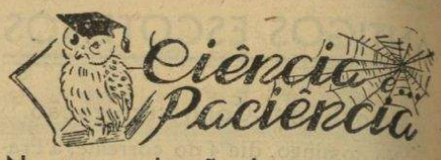
Companhia de Guias «Filipa de Vilhena»

No Domingo, dia 4 do corrente, as guias desta Companhia e as aspirantes que irão formar a nova Companhia na Ajuda, realizaram um bivaque no Parque de Monsanto.

De manhã, içaram a bandeira da Companhia e tomaram parte no serviço religioso, tendo realizado diversos exercícios. De tarde, efectuaram diversos jogos e um interessante jogo de pista, que despertou grande entusiasmo em todas as participantes.

Dirigiram a actividade as chefes D. Júlia Ribeiro e Menina Maria Hermínia Pinto.

Ao fim da tarde, as guias regressaram às suas sedes, muito satisfeitas com o belo dia passado no campo.



Nova organização dos nossos Concursos

A fim de que possamos atribuir aos concorrentes dos nossos «Problemas Difíceis» prémios mais expressivos, resolvemos alterar a orgânica dos nossos Concursos. De futuro, os concursos serão anuais, terminando em Dezembro. Este ano, o concurso terá uma duração mais limitada, para que possa terminar no fim do ano. A partir deste mês, cada problema que nos for enviado com a solução certa marcará 5 pontos. Se a solução estiver errada, marcará um ponto, para recompensar o interesse. Considera-se a solução certa, não sòmente a indicação do resultado, mas também a explicação da forma como esse resultado foi obtido.

Todos os prémios serão constituídos por livros. Livros de natureza escoteira só serão atribuídos a concorrentes escoteiros.

Haverá um 1.º prémio para todos os concorrentes que obtenham o número máximo de pontos, ou seja o número de problemas a multiplicar por 5. Por exemplo: Se publicarmos este ano 6 problemas, o 1.º prémio será atribuído a quem obtenha 30 pontos. Haverá ainda prémios para todos os concorrentes que obtenham mais de 2/3 do número de pontos do primeiro prémio ou seja, no exemplo citado, mais de 20 pontos.

PROBLEMA DIFÍCIL

O Parque de Jogos

Um Grupo de Escoteiros resolveu modificar um parque de jogos que possuía anexo à sua sede. O parque rectangular tinha um perímetro de 110 metros. O comprimento foi diminuído de um metro e a largura foi aumentada de um metro também. Como resultado destas alterações, a superfície do parque aumentou em 4 metros quadrados. Quais eram as primitivas dimensões de cada lado do rectângulo?

* * *

As respostas devem ser recebidas nesta Redacção dentro de 15 dias, após a sua publicação, para os assinantes do Continente e Espanha. 30 dias para os assinantes de Açores e Madeira. 45 dias para os assinantes das províncias ultramarinas.

• • o • •

IV Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil

De 15 a 20 de Junho próximo, vai reunir-se em Lisboa este importante Congresso Internacional que terá a presença de prestigiosos cientistas nacionais e estrangeiros, e será presidido pelo eminente médico pedo-psiquiatra Prof. Dr. Vítor Fontes, director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, prestigiosa instituição portuguesa, cuja acção no campo da higiene mental infantil tem sido verdadeiramente notável.

O Congresso ocupar-se-á do estudo dos seguintes temas: «Carência afectiva da criança de 6 a 10 anos». «O trabalho de equipa em Psiquiatria Infantil». «A formação dos Psicoterapeutas de crianças». «Métodos psicoterapêuticos».

• • o • •

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

Esta série de artigos do nosso ilustre colaborador, que subscreve sob o pseudónimo de «Velho Lobo Negro do Norte», tem merecido as melhores referências de muitos dos nossos leitores, que pessoalmente nos têm expressado o seu apreço pelo interessante e profundo estudo. O nosso assinante sr. Júlio dos Santos Trindade escreveu-nos mesmo palavras de apreço. A todos os dedicados leitores que nos têm trazido a sua apreciação, apresentamos o nosso agradecimento.